

A PROTECÇÃO E A CONSERVAÇÃO DO MEIO MARINHO

LUIZ SALDANHA

Biólogo

Presidente da Liga para a Protecção da Natureza

Professor Catedrático da Faculdade de Ciências

da Universidade de Lisboa

Laboratório Marítimo da Guia

Estrada do Guincho

2750 Cascais

Tal como o meio terrestre, o meio marinho tem sofrido o impacto, frequentemente brutal, de toda uma série de actividades humanas.

Estas acções nefastas podem englobar-se em dois grandes grupos: as poluições e a destruição da fauna e da flora, através da colheita (pesca, p.ex.) exagerada ou ilegal ou de outras actividades.

O campo das poluições engloba variadíssimos problemas a começar por aqueles que são originados pela nossa actividade quotidiana (que podemos aliás resolver com estações de tratamento e emissários submarinos devidamente estudados): os detergentes e todos os produtos químicos usados em nossas casas e que lançamos na rede de esgotos que conduzem ao mar juntamente com as matérias fecais. Estas contêm um número elevado de micro-organismos, entre os quais vírus e bactérias patogénicas, como salmonelas, estreptococos e ainda pelas que se designam por coliformes e de que Escherichia coli, o colibacilo, é um exemplo típico.

Estas bactérias conseguem viver no mar, pelo menos durante algum tempo e originam, como se sabe, toda uma série de doenças mais ou menos graves. As águas litorais podem ser contaminadas por estas bactérias através dos esgotos urbanos,

se estes não forem tratados e se a descarga se der directamente na orla litoral.

Os detergentes (também largamente utilizados nas instalações fabris) fazem parte de um conjunto de compostos orgânicos (assim chamados por conterem carbono) a que pertencem, por exemplo, as anilinas, os taninos e muitas outras substâncias provenientes de diversas indústrias. O referido conjunto inclui também os insecticidas e os pesticidas usados na agricultura e que são arrastados para o mar pelos cursos de água. Entre estes conta-se o DDT que chegou já a ser detectado nos pinguins do Pólo Sul, a muitos milhares de quilómetros e num meio totalmente diferente daquele em que foi utilizado, tendo para lá sido levado pelo mar. Estes poluentes ou não são degradáveis ou são de degradação muito lenta e por vezes incompleta. Este processo envolve uma grande exigência de oxigénio, o que vai prejudicar ou impedir a respiração dos organismos que vivem nos locais afectados, podendo originar o seu desaparecimento.

Grande número dos poluentes existentes no mar acumula-se na camada, ou mesmo na película superficial da água. Este facto tem efeitos negativos, uma vez que essa camada superficial, pela natureza dos processos físico-químicos que nela ocorrem, desempenha um papel fundamental como condicionante do perfeito desenrolar dos ciclos biológicos dos organismos que vivem na globalidade das massas de água do oceano.

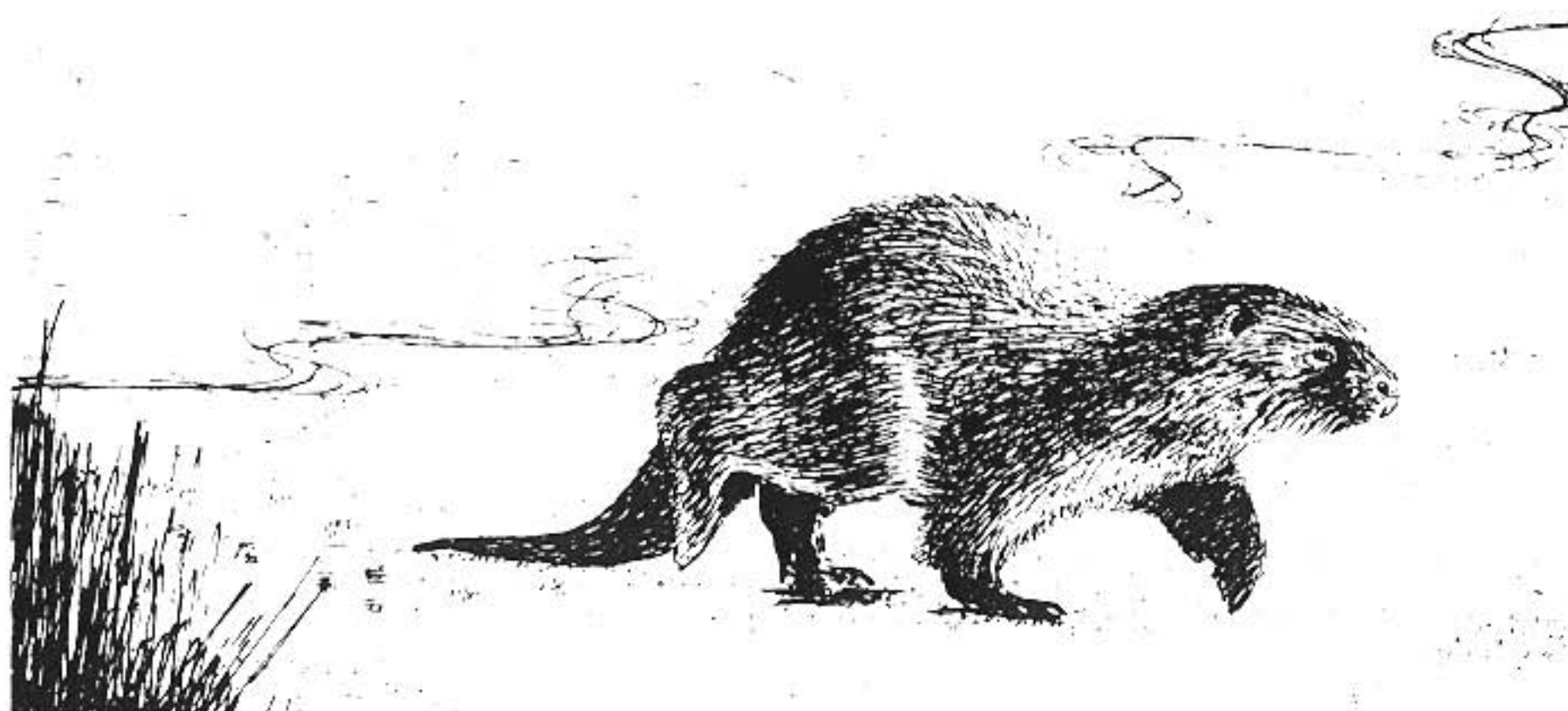
Os produtos petrolíferos são igualmente produtos orgânicos e tem causado grandes desastres conhecidos por "marés negras", bem conhecidas do público. Poluem também de uma forma sistemática a superfície do mar e as praias para onde são arrastados, formando massas negras de dimensões variáveis de efeitos extremamente desagradáveis para os banhistas e mortais para a fauna. Esses produtos quando espalhados à superfície do mar, aderem às penas das aves cobrindo-as por vezes completamente e originando a sua morte.

Outros poluentes, não menos perigosos, são os metais, provenientes de diversas actividades industriais (tratamento de minerais, estaleiros, fabrico de tintas, etc.) como o cobre, o zinco, o chumbo e o mercúrio. Este último é o mais perigoso,

tendo originado no Japão o célebre caso de Minamata, em que os consumidores habituais do peixe contaminado pelo mercúrio tiveram graves problemas de saúde e até uma descendência anormal, em determinados casos.

A poluição radioactiva do mar é originada fundamentalmente pelas explosões nucleares e eventualmente por acidentes com centrais e navios nucleares e com a colocação de resíduos radioactivos a grandes profundidades. Nas águas portuguesas não há, por enquanto, problemas neste domínio, mas é curioso notar que as águas do Tejo apresentaram um aumento de teor de radioactividade a seguir a explosões atómicas efectuadas em locais longínquos. Por aqui se pode verificar que os elementos radioactivos são transportados a grande distância pela atmosfera e ao caírem contaminam o oceano. A poluição radioactiva pelos seus efeitos nefastos sobre o homem e os organismos, é das mais perigosas e necessita uma vigilância extremamente apertada.

A poluição térmica das águas pode também trazer efeitos nefastos, fundamentalmente para os recursos vivos do mar, se por exemplo e no caso dos efeitos originados por uma central térmica, a implantação desta for inadequada.



A Costa Sudoeste

A costa sudoeste de Portugal, além de extraordinariamente bela, é banhada por águas em que, de um modo geral,

os problemas de poluição não são ainda graves.

Por outro lado, tem sido uma região que pelo seu relativo isolamento tem sido mais poupada de que outras, em termos da destruição da fauna e flora marinhas, embora nela se processem actividades como a pesca tradicional, a caça submarina, a colheita de algas e outras.

As actividades que redundam em benefício económico (pesca e colheita de algas) desde que devidamente regulamentadas e fiscalizadas (e em princípio esse regulamento existe), podem não acarretar perigos graves para a fauna e a flora.

O mesmo não poderá ser dito de uma prática desportiva que visa destruir a fauna ictiológica - ou seja os peixes - e que é a caça submarina. A experiência demonstra e observações científicas confirmam-no, que as zonas frequentadas assiduamente por caçadores submarinos ficam, a breve trecho, desprovidas de peixe, sobretudo das espécies mais sedentárias. Exemplo desta situação é a rarefacção dos meros nas costas europeias (incluindo o Mediterrâneo), tal foi a perseguição que lhes foi movida. O assunto mereceu a atenção da União dos Ictiologistas Europeus que na sua sessão plenária, durante o Congresso de Ictiologia realizado em Agosto de 1985 na Universidade de Estocolmo, condenou a caça submarina como desporto. De facto é difícil conceber um "desporto" cuja finalidade é a destruição do património natural que pertence a todos. Além disso faz perder a possibilidade de aproveitar turisticamente as zonas depredadas, em termos de mergulho com escafandro autónomo, que só tem interesse em zonas onde haja uma bela paisagem submarina e peixes.

A protecção e a conservação do meio marinho tem sido objecto de cuidados por parte de diversos países em muitas partes do globo. Neles tem sido criadas reservas ou parques submarinos de modo a salvaguardar o património subaquático e onde estão vedadas todas as acções nefastas.

Uma regulamentação adequada podia ser aplicada ou implementada relativamente a todas as práticas destrutivas da fauna e da flora marinhas da costa sudoeste, de modo a preservar uma natureza submarina que ainda é suficientemente rica e que constitue um bem insubstituível. Esta acção poderia ser en-

quadrada no contexto da conservação que se impõe no domínio terrestre da costa sudoeste. Garantir-se-ia assim a preservação de um património natural e de uma inesgotável fonte de recreio e de cultura.